

A Torre Velha da Guarda: de torre românica a vazadouro de detritos

Tiago Ramos¹

Alcina Cameijo²

Vitor Pereira³

Resumo

Anterior ao foral atribuído por D. Sancho I à Guarda em 1199, a Torre Velha da Guarda constituía-se como a torre de menagem do castelo românico desta cidade, cercada por um pano de muralha de planta ovóide. Nos reinados posteriores temos notícias da construção de novos panos de muralhas e da nova torre de menagem no extremo sul, seguindo já uma arquitectura militar gótica. Consequentemente a torre românica perde o seu estatuto primordial sendo, como referido no Tombo da Comarca da Beira de 1395, reaproveitada como torre exterior aquando da construção do muro novo. Ao longo dos séculos esta área transforma-se numa zona periurbana e renegada para zona de vazadouro como evidenciam as referências documentais. Complementarmente, as recentes intervenções arqueológicas permitem vislumbrar este processo de descentralização e transformação de uma zona central numa área periurbana e de despejo de detritos, datável entre a Idade Média e o final do século XX.

Palavras-chave

História Urbana. Arqueologia Urbana. Centro. Periferia. Mutações Urbanas.

¹ Instituto de Estudos Medievais da NOVA FCSH. Bolseiro Doutoramento FCT (SFRH/BD/129777/2017).

² Associação Hereditas, Arqueóloga.

³ Câmara Municipal da Guarda, Arqueólogo.

The Torre Velha of Guarda: from romanesque tower to debris dump

Abstract

Prior to the charter assigned by D. Sancho I to Guarda in 1199, the Torre Velha of Guarda was the keep of the Romanesque castle of this city, surrounded by an ovoid wall. In the following reigns we have news of the construction of new walls and the new Keep in the far south, already following a gothic military architecture. As a result, the Romanesque tower loses its primordial status and, as mentioned in the 1395 Beira Tumble, was reused as an outer tower when the new wall was built. Over the centuries this area has been transformed into a periurban area and renegade to a leaky area as evidenced by documentary references. In addition, recent archaeological interventions provide insight into this process of decentralization and transformation of a central zone into a periurban area and waste disposal between the Middle Age and the end of the Twentieth century.

Keywords

Urban History. Urban Archaeology. Center. Periphery. Urban mutations.

Introdução

Localizada no centro de Portugal, nas imediações da fronteira com Espanha, a cidade da Guarda implanta-se num dos últimos esporões do sistema montanhoso da Serra da Estrela, a mais de 1000m de altitude, permitindo-lhe um vasto controlo visual tanto do planalto beirão como também das regiões fronteiriças espanholas (**Fig. 1**). Será nesta plataforma que, pelo menos desde a segunda metade do século XII, se formará e expandirá o núcleo urbano. Primeiro a partir da zona conhecida como Torreão, onde se localiza o sistema defensivo românico. Posteriormente expandindo-se até ao topo Sul da plataforma com um novo sistema amuralhado, e subsequente constituição de arrabaldes nas imediações das portas da muralha. A evolução da morfologia urbana, até aos finais do século XIX, diminuta mas não estática, encontrou-se condicionada à planimetria medieval pré-existente. Com a implantação das Leis de Saúde Pública no século XIX, o crescimento da população urbana e periurbana e dos sectores produtivos, ocorreriam mutações no entramado citadino e nas relações centro-periferia.

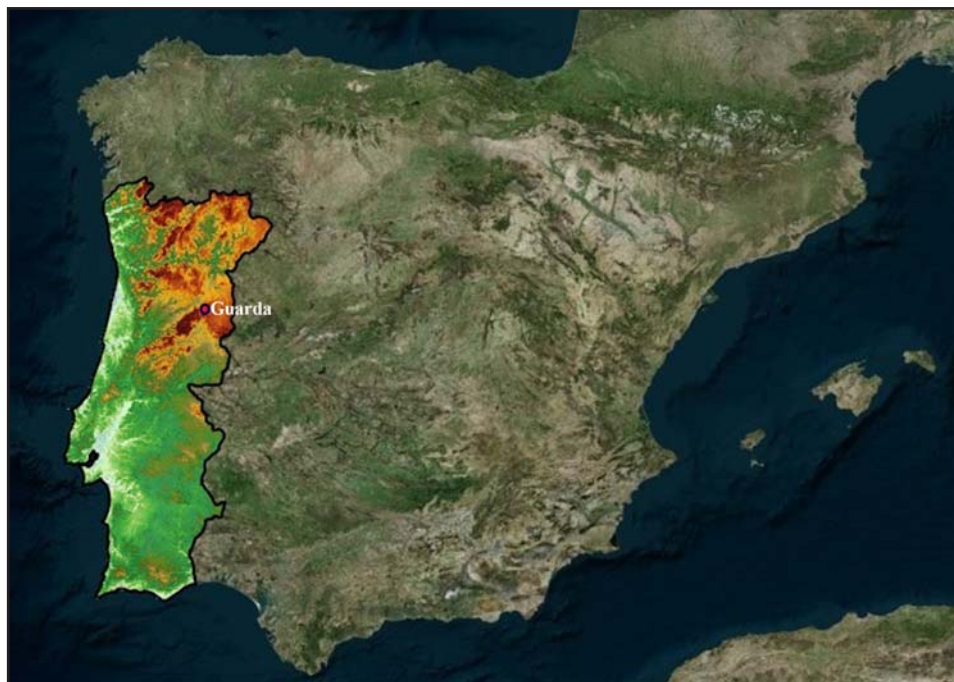


Fig. 1 - Localização da cidade da Guarda

1. O Núcleo primitivo (Século XII a XIII)

A 27 de Novembro de 1199, o rei D. Sancho I outorgava a primeira Carta de Foral à *ciuitate Aguarda*⁴. Embora se trate da primeira fonte documental conhecida para a Guarda, não estamos perante uma fundação *ex novo*. Esta premissa é-nos indiciada no próprio documento foraleiro “meis uobis populatoribus de ciuitate Aguarda tam presentibus quam futuris”⁵ e corroborada pelos contextos arqueológicos registados na zona urbana conhecida por Torreão⁶. Ou seja, D. Sancho I plasma aqui a sua política de organização territorial de um espaço periférico e fronteiriço sob a égide do reino de Portugal, criando na Guarda um ponto inicial de hierarquização do território, elevando-a ao estatuto de cidade, para o qual contribuiu a transladação da sede episcopal egitaniense para esta urbe poucos anos decorridos⁷.

Deste primitivo núcleo urbano medieval, localizado no extremo norte da

⁴ COELHO, Maria Helena C.; MORUJÃO, M. Rosário Barbosa - *Forais e Foros da Guarda*. Guarda: Câmara Municipal, 1999, p. 55.

⁵ COELHO, Maria Helena C.; MORUJÃO, M. Rosário Barbosa - *Forais e Foros...*, p. 55.

⁶ PEREIRA, Vítor - “A Torre Velha do primitivo Castelo da Guarda”. *Praça Velha* 22 (2007), pp. 13-29.

⁷ VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de - *Elucidário*. Tomo II. Lisboa: Offi. de Simão Thaddeo Ferreira e Typ Regia Silviana, 1749 p. 13

plataforma orográfica, são actualmente perceptíveis parcos vestígios do seu sistema defensivo. Concretamente, a muito derruída Torre de Menagem e um troço de muralha de planta ovóide, que formariam parte do complexo defensivo-militar românico⁸ (Fig. 2).

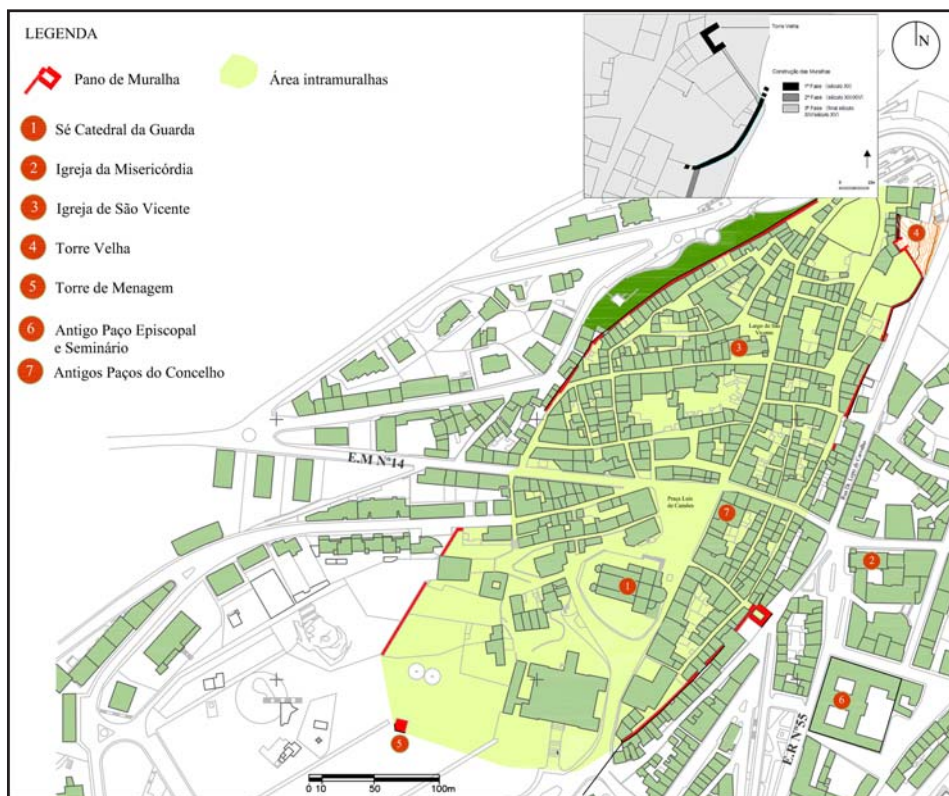


Fig. 2 - Planta da Guarda e locais referidos ao longo do texto

A Torre (Fig. 3) apresenta planta predominantemente quadrangular, 10,40 m (no pano Sudoeste) por 10,05 m, construída com duplo paramento (2m de espessura), com aparelho pseudo-isódomo, de alvenaria regular, mas com silhares de diferentes comprimentos, e de formato tendencialmente sub-rectangular. Actualmente a fachada sul apresenta ainda 6m de altura, sendo neste tramo visíveis silhares salientes que corresponderiam ao assentamento de traves de um segundo

⁸ PEREIRA, Vítor; CAMEIJO, Alcina - "Os sistemas defensivos da Guarda Medieval. Contributos para o seu conhecimento". in FERNANDES, Cristina Isabel (coord.) - *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (Séculos VI a XVI)*. Volume I. Lisboa: Edições Colibri / Campo Arqueológico de Mértola, 2013.

piso⁹. Tomando como modelo os exemplares localizados na região beirão¹⁰ poderemos considerar que esta torre possuiria entre 3 a 4 pisos, num total de 9 a 12 m de altura.



Fig. 3 - Aspecto actual da Torre Velha

Seguindo a arquitectura militar românica, esta torre encontrar-se-ia no centro de um pátio/terreiro circunscrito por uma cintura amuralhada mas da qual se encontrava individualizada. Desta muralha subsiste apenas parcialmente o tramo sudeste, com 35m de comprimento e 4m de altura. Construída com duplo paramento, com uma espessura de 3m, apresenta fiadas de alvenaria regulares, de média e grande dimensão¹¹. As intervenções arqueológicas nos espaços circundantes não permitiram, por agora, registar vestígios do restante recinto amuralhado. Como veremos, este perímetro amuralhado foi ao longo dos séculos alvo de várias mutilações.

Similarmente não se conhecem vestígios de estruturas habitacionais ou produtivas que constituiriam parte desta inicial urbe guardense. Todavia, os materiais exumados em intervenções arqueológicas na zona do Torreão¹² e no interior da Torre Velha atestam as componentes habitacionais desta zona, para além da já referida valência militar. Na Sondagem 1, realizada no interior da Torre Velha, foi registada a [U.E.12] composta por terra de coloração muito escura, quase preta,

⁹ PEREIRA, Vitor - "A Torre Velha do primitivo Castelo da Guarda ...", p. 22.

¹⁰ BARROCA, Mário - Castelos Românicos Portugueses (Séc. XII e XIII). in *Românico en Galicia y Portugal*. S.l: Fundación Pedro Barrié de la Maza / Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 108

¹¹ PEREIRA, Vitor - "A Torre Velha do primitivo Castelo da Guarda ...", pp. 13-29.

¹² PEREIRA, Vitor - "A Torre Velha do primitivo Castelo da Guarda ...", pp. 16-20; PEREIRA, Vitor; CAMEIJO, Alcina; MARQUES, António - "Arqueologia no Centro Histórico da Guarda: resultados da intervenção no Torreão". in *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias*. Cascais: Câmara Municipal, 2011, pp. 265-292.

muito fina e pouco compacta (**Fig. 4**). Esta apresentava na sua composição pouco carvão, algumas pedras de pequenas dimensões e alguma cerâmica¹³. O reduzido conjunto cerâmico recolhido nesta unidade exhibe características tecno-tipológicas (pastas grosseiras, de tonalidades escuras, predominando as produções a torno lento e/ou manual) que se enquadram cronologicamente, pelo menos, em meados do século XII (**Fig. 5 1a-1c**). Todavia, não se trata de um contexto arqueológico selado, tendo sofrido perturbações em época moderna/contemporânea, como se constata pela sobreposição desta camada a uma outra, [U.E.14], na qual foram recolhidos materiais cerâmicos de pastas laranjas, superfícies vidradas, e faianças, de cronologia moderna. Ou seja, embora sejam os materiais mais antigos registados no interior da Torre Velha¹⁴, encontram-se num contexto deposicional secundário, ou no mínimo bastante afectado por processos pós-deposicionais de origem antrópica, nomeadamente o desmonte da antiga Torre de Menagem.

A *Torre Velha* era o signo do poder político, administrativo e militar, isto é o símbolo do castelo *cabeça-de-terra*¹⁵. Nela residia o terratenente, normalmente um membro da nobreza local¹⁶ escolhido pelo rei no seio dos ricos-homens¹⁷. Estamos assim perante o primeiro espaço central (e centralizador) da Guarda, um verdadeiro “point chaud”¹⁸, formado em torno da torre românica, compreendendo tanto espaço intra-muralhas como extra-muros, que perduraria entre meados do século XII e o final do século XIII. De notar que será também nesta zona que se terá instalado a primeira catedral da Guarda¹⁹, e o Paço do Rei²⁰, edifícios dos quais desconhecemos a sua localização ou vestígios arqueológicos.

2. Deslocação da centralidade e a formação de um espaço periférico: (séculos XIII a XIX)

A importância geoestratégica da Guarda no século XIII como ponto de controlo e defesa do território face ao vizinho reino leonês e ao sul islâmico levaria a uma preocupação com o sistema defensivo da urbe. A esta premissa aliaram-se os novos desígnios poliorcéticos, ou seja, o aparecimento do castelo gótico e a mudança do

¹³ CAMEIJO, Alcina - *Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos “Requalificação e Musealização do Primitivo Castelo Medieval da Guarda* [s.d], Policopiado.

¹⁴ Cidade entendida como núcleo urbano medieval/moderno, não englobando assim os materiais provenientes das intervenções nos Castelos Velhos e Póvoa do Mileu, atualmente inseridos em área urbana. Sobre as escavações arqueológicas nestes dois locais, confira-se OSÓRIO, Marcos - “Novos Contributos para o estudo dos Castelos Velhos (Guarda)”. *Praça Velha* 15 (2004), pp. 5-14; PEREIRA, Vitor; CAMEIJO, Alcina; MARQUES António Carlos - “Contextos e materiais arqueológicos do sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda)”. in QUARESMA, José Carlos; MARQUES, João António (coords.) - *Contextos Estratigráficos na Lusitânia (Do Alto Império à Antiguidade Tardia)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2015, p. 69-84 (Monografias AAP), respetivamente.

conceito de defesa subjacente à concepção das estruturas fortificadas²¹. A urbe cresce e com ela um novo sistema defensivo (**Fig. 2**). Tarefa em execução já em 1221²² e que culminaria com a construção da nova torre de menagem e cidadela, de estilo gótico, no ponto mais alto a 1056 m, em finais do século XIII/inícios do século XIV²³. Ao pano de muralha românico é adossado um pano novo, que exhibe um aparelho construtivo com características mais tardias²⁴. O troço de muralha românica virado a Sul e a Poente foi quase totalmente desmontado até ao afloramento rochoso, e os silhares, reaproveitados na nova estrutura, tendo a cerca do antigo castelo sido ocupada por habitações e arruamentos contíguos, detectando-se no sítio inúmeros fragmentos de cerâmica doméstica comum, datáveis do século XIII/XIV²⁵.

É assim evidente a perda do papel político-administrativo da Torre Velha em detrimento da nova torre de menagem gótica, símbolo de uma nova arquitectura militar e de um novo conceito político régio centralizador que, com D. Dinis, levaria ao declínio do sistema de *Terras*²⁶. A este designio aliou-se a também deslocação do poder eclesiástico, para a zona extra-muros, com a edificação da nova catedral no arrabalde constituído nas imediações da Torre dos Ferreiros²⁷, em terrenos onde se implementaria séculos mais tarde a Misericórdia (**Fig. 2**).

Será no final do século XIV, no reinado de D. João I, que voltamos a ter notícias da, já então apelidada, Torre Velha: “Jtem hũa tore que ellRey há dicta vila hũa tore q chamã A tore velha q esta na metade do muro nouo per onde ora he a vylla departida”²⁸. Este novo pano de muralha é actualmente visível, partindo a leste da muralha românica em direcção à actual Torre de Menagem, posteriormente infletindo para norte até encontrar o tramo de muralha vindo da Porta D’El Rei. Esta mutação encontra-se relacionada com o período de guerra com Castela que marcou o final da 1ª Dinastia. Em 1374 são referidas obras na muralha²⁹, mas infelizmente não é especificada a sua localização. Igualmente as intervenções arqueológicas não permitiram aferir se a construção deste novo paramento se encontra relacionado com um evento bélico ou se a muralha românica se encontrava em ruína, como é referido nas fontes escritas. Somente é possível constatar que a torre de menagem

²¹ BARROCA, Mário - “Aspectos da Evolução da Arquitectura...”, p. 233.

²² VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de - *Elucidário*, Tomo I ..., p. 36.

²³ FERNANDES, Lúcia - *Novos elementos sobre a cidade da Guarda – séculos XIII ao XVII. Separata da Praça Velha*. Guarda: Câmara Municipal da Guarda, 1999.

²⁴ PEREIRA, Vítor; CAMEIJO, Alcina - “Os sistemas defensivos...”, p. 439.

²⁵ PEREIRA, Vítor; CAMEIJO, Alcina; MARQUES, António - “Arqueologia no Centro Histórico da Guarda: resultados da intervenção no Torreão”. in *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias*. Cascais: Câmara Municipal, p. 271.

²⁶ BARROCA, Mário - *Do Castelo da Reconquista...*, p. 118.

²⁷ CASTRO, José Osório da Gama e - *Diocese e Distrito...*, p. 310.

²⁸ *Tombo da Comarca da Beira (1395)*. Ed. Anselmo Braamcamp Freire. *Arquivo Histórico Portuguez* 10 (1916). p. 324.

²⁹ Lisboa, Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro I, fólio 154 vº.

românica passa a ser uma mera torre defensiva externa, protegendo uma das entradas do recinto amuralhado.

É similarmente no findar desta centúria que a construção da actual catedral, localizada no interior do recinto amuralhado, se inicia³⁰. A sua edificação assinalou nova revolução urbana na cidade, pois a sua vasta área de implantação impôs um óbvio e enorme rasgamento urbano no coração da malha medieval (**Fig. 2**). Na sua sombra formar-se-ia a praça da Sé na qual, em data anterior a 1527³¹, viria a albergar a Casa da Câmara. Estamos assim perante o novo centro da cidade, englobando poder eclesiástico e poder civil, que perdurou aqui até século XX.

Sobre a Torre Velha temos pouca informação deste período. As Memórias Paroquiais de 1758 referem-na, junto à qual identificam uma porta pequena, assim como a existência de panos de muralha caídos e outros em ruínas³².

Por fim, de referir que na segunda metade do século XIX, também a Guarda foi palco do clima de modernização que se fazia sentir em todo o país. As políticas do fontismo iniciaram-se na Guarda com a abertura de uma nova artéria, que rasgando a cidade transversalmente de Oeste-Sudeste, conectava a Estrada Municipal nº 14 com a Estrada Real nº 55³³. Esta nova ligação viria por si a pôr em segundo plano a estrutura viária de origem medieval que a(s) Rua(s) Direita(s) - Da zona do torreão, à Porta da Covilhã; da Porta d'El Rei à Porta da Erva – exerceram durante séculos. E, mais uma vez, aumentar a centralidade da Praça da Sé, um verdadeiro *hotspot*³⁴.

Em suma, ao longo de cinco séculos denota-se claramente o deslocar do espaço central da cidade medieval para novas áreas, criando assim condições favoráveis à periferização deste espaço.

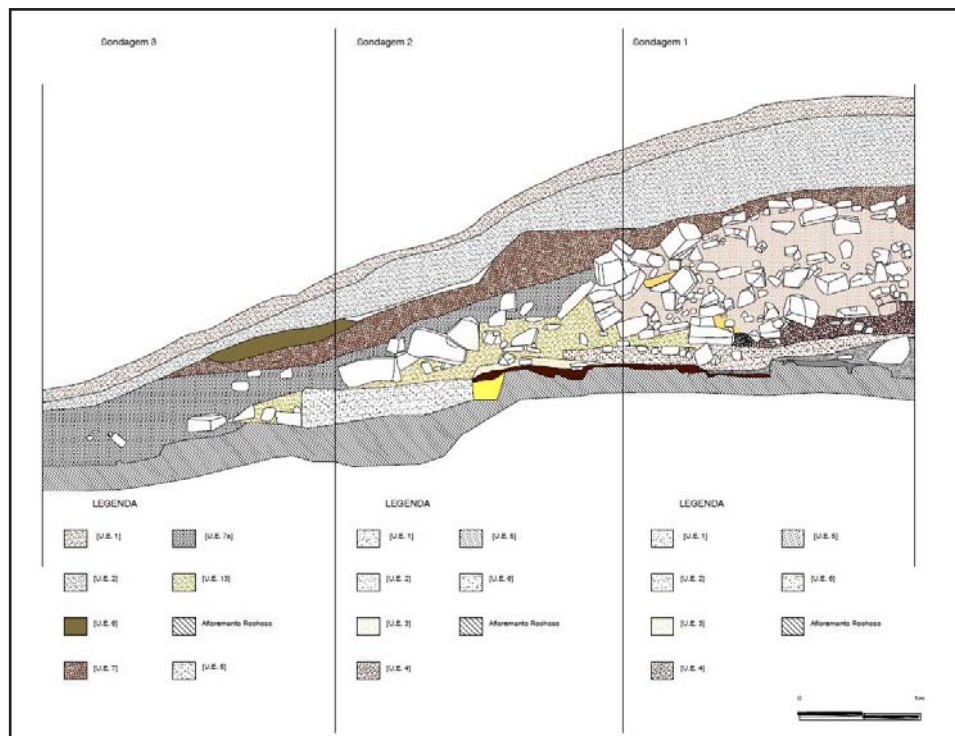


Fig. 4 - Perfil Estratigráfico Este da Torre Velha

3. A instituição de uma periferia (século XX)

A cidade da Guarda no início do século XX não se enquadrava nos padrões de beleza da época, sendo mesmo apelidada por Miguel de Unamuno, em 1905, como “feia e denegrada”³⁵. Se o panorama geral da cidade não era abonatório, o espaço onde se localizava a Torre Velha contribuía em muito para este cenário.

Ao calcorrear a Rua do Torreão estava-se a chegar a uma zona limite, para a qual a Câmara enviava o que pretendia distanciar do centro. Era a localização do depósito de entulhos, matadouro municipal e estacionamento de carros desde os finais do século XIX situados em terrenos municipais³⁶. Como se constata no primeiro mapa topográfico da Guarda, de 1907, o espaço do torreão é escassamente urbanizado, sendo que em 1930 ainda se arrematavam lotes de giestas cortadas no Torreão³⁷.

³⁵ UNAMUNO, Miguel de - *Por terras de Portugal e Espanha*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989, p. 56.

³⁶ DIAS, Cecília - “O “aformoseamento” – gentes, normas e obras de 1900 a 1939”. in FERREIRA, Jaime (coord.) - *A Guarda Formosa na Primeira Metade do Século XX*. 2ª edição. Guarda: Câmara Municipal, 2004, p.54.

³⁷ NETO, Maria José - *A Toponímia da Cidade...*, p. 46.

Estes terrenos eram muitas vezes arrendados ou mesmo alienados, como ocorre em 1904. Francisco Pereira Miguel, negociante, arrenda à Câmara um terreno municipal, a Este da Montureira, para a construção de um barracão de madeira para depositar os coiros salgados das reses que abatia no matadouro³⁸. Similarmente, outras actividades com uma pegada bastante poluente se estabeleceram nesta zona durante a primeira metade do século XX. Em 1930 armazéns de madeiras e lenhas, em 1935 uma pedreira de extracção de pedra³⁹, em 1946 uma fábrica de tapeçarias, em data anterior a 1947 uma oficina de reparação no quintal do Canhão e em 1947 uma serração e armazém de matérias de construção⁴⁰. O espaço deixado vago pelo Matadouro em 1940 viria a albergar o canil municipal em 1951⁴¹.

E qual era o estado da Torre Velha no meio deste entramado? O século XIX fora profícuo em episódios de demolições do perímetro amuralhado⁴². Segundo alguns autores⁴³ a Torre Velha teria sido destruída em 1847. Embora não nos seja possível autenticar esta proposta⁴⁴, constatamos que o derrube/desmonte da torre ocorreu em data anterior a 1943⁴⁵.

Igualmente a intervenção arqueológica realizada entre 2010 e 2011⁴⁶ permite-nos constatar esta realidade e ao mesmo tempo esboçar uma proposta de evolução (Fig. 4). Desde logo, foi possível registar uma sucessão de camadas e entulhos que se adaptaram ao declive do terreno. A formação destes contextos ocorreu após o desmonte/derrube da fachada norte da torre. De denotar, como referido, a existência de um pedido em 1935 para explorar e arrancar pedra do Torreão, ao fundo das últimas casas da Rua do Carvalho, que deverá estar relacionado com este desmonte da torre. Um segundo momento de derrube/desmonte da torre ocorre em fase posterior ao desaparecimento da fachada norte, como se constata na [U.E.8] da Sondagem

³⁸ DIAS, Cecília - "O "aformoseamento ...", p. 54.

³⁹ DIAS, Cecília - "O "aformoseamento" ...", p. 54.

⁴⁰ FERREIRA, Jaime - "Do perpianho ao betão – deambulações entre 1940 e 1059". in FERREIRA, Jaime (coord.) - *A Guarda Formosa na Primeira Metade do Século XX*. 2ª edição. Guarda: Câmara Municipal, 2004, pp. 159 e 169.

⁴¹ FERREIRA, Jaime - "Do perpianho ao betão...", pp.160 e 168.

⁴² Em 1801 para a construção de um forte abaluartado em Porcas VICENTE, António - *Manuscritos do Arquivo Histórico de Vincennes referentes a Portugal*. Vol II, Paris: Centro Cultural Português-Fundação Calouste Gulbenkian. 1972, p. 260; em 1835 para a construção do cemitério público, RODRIGUES, Adriano - *Monografia Artística da Guarda*, Guarda: Câmara Municipal, 1984, p. 44; ou em 1887 para a construção do Asilo Distrital, BIEL, Emilio - *A Arte e a Natureza em Portugal*. Vol. VIII. Fasc. 95. Porto: Typ. de António José da Silva Teixeira, 1902-1908, p. 2 nota 2.

⁴³ RODRIGUES, Adriano V. - *Monografia da Guarda*. Guarda: Santa Casa da Misericórdia, 2000, p.78; e na mesma linha historiográfica, mas sem apresentar qualquer fundamento histórico ou documental FERREIRA, Jaime - "Do perpianho ao betão...", p.158.

⁴⁴ No decorrer desta investigação não encontramos qualquer documentação que comprove a data proposta.

⁴⁵ Tendo em conta o registo fotográfico da zona do torreão à época colhido em ALMEIDA, João de - *Roteiro dos Monumentos de arquitectura militar do Concelho da Guarda*. Lisboa: Editorial Império, 1943, p. 45, a torre já se encontrava derruída sendo visível o enchimento com detritos.

⁴⁶ CAMEIJO, Alcina - *Relatório Final de Trabalhos...*

1, [U.E.5] da Sondagem 2 e [U.E.6] da Sondagem 3. Trata-se de uma camada constituída por silhares aparelhados de média e grande dimensões, assim como pedras fragmentadas e uma argamassa de cor clara (que constituíam enchimento da muralha). É de salientar uma vez mais que o derrube se adaptou ao terreno existente e que apresenta um acentuado declive.

Os materiais arqueológicos registados nestas camadas, e nas que as sobrepõem, são maioritariamente detritos (fragmentos de telhas, restos de tecidos) de época contemporânea. Estes devem ser resultantes do despejo de entulhos das remodelações das habitações contíguas e dos desperdícios da oficina de carros aí existente desde a década de 40 do século XX. Foram também registados materiais arqueológicos de período medieval e moderno em diferentes estratos. Todavia não se encontram em contextos selados e/ou primários, mas sim de um contexto de palimpsesto resultante quer da acção antrópica de desmonte/destruição da torre quer do despejo de materiais (**Fig. 5 2a-2c**). Exemplo disso é a sobreposição de materiais do século XII sobre materiais do século XVI/XVII, ou o registo de um fragmento de azulejo hispano-árabe (século XVI) na mesma camada onde se assinalam materiais contemporâneos (**Fig. 5 3a-3b**).

Similarmente na área envolvente, as intervenções arqueológicas constataram o que a documentação citada referia como zona de entulhos. Em 2018, sondagens de diagnóstico assinalaram níveis contemporâneos de escombros, composto por sucessivas camadas de terra com elevada quantidade de pedras de pequena dimensão, fragmentos de telhas e presença de plásticos⁴⁷. Sobre estes seriam construídos, pelo município, ao longo da segunda metade do século XX diversos (e diversificados) edifícios, que albergaram diferentes valências de índole social, dos quais em 2017 apenas albergavam o Aquilo Teatro, o Clube de Montanhismo e a Associação de Jogos Tradicionais da Guarda.

⁴⁷ PEREIRA, Vitor *et alii* - *Intervenção Arqueológica no âmbito da implementação do projeto Reabilitação dos Edifícios Municipais da zona do Torreão – Interação Social (Guarda)*. Relatório preliminar. Guarda: Câmara Municipal, 2019. Relatório policopiado.



Fig. 5 - Materiais arqueológicos medievais (1a, 1b, 1c) modernos (2a, 2b, 2c) e modernos e contemporâneos (3a, 3c)

4. Um novo olhar para a periferia, algumas considerações finais

Ao longo das anteriores linhas constata-se a evidência da periferalização de um espaço inicialmente central. A sua génese, nos finais do século XIII ou inícios da centúria seguinte, relaciona-se com o próprio crescimento urbano da cidade, e sobretudo a deslocação do centro administrativo e militar. Este processo prolongou-se ao longo de sete séculos, como se rastreia tanto nas fontes documentais como no registo arqueológico.

Não obstante, será principalmente nos finais do século XIX e durante todo o século XX que esta metamorfose se agudizou. A salubridade deste espaço degradou-se preempitoriamente. Consequentemente tornar-se-ia também um espaço socialmente degradado, onde a pobreza, a prostituição e a toxicodependência se entrecruzavam com os degradados espaços domésticos. Imperava assim, no final do século XX à luz de uma nova ideia de urbanidade das cidades, um projecto de requalificação.

As intervenções arqueológicas, que anteriormente referimos, foram resultantes de dois projectos arquitecturais, de iniciativa municipal, concebidos para a reabilitação desta zona periférica da cidade⁴⁸. A sua génese encontra-se no Programa Polis que visava “...melhorar a qualidade de vida nas cidades, através de intervenções nas vertentes urbanística e ambiental, melhorando a atractividade e competitividade de pólos urbanos”⁴⁹ e actualmente repercutido no Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano da Guarda. No caso da Torre Velha e Largo do Torreão trata-se sobretudo de dignificar e requalificar um espaço que foi central na história da Guarda e o qual foi - ao longo de séculos - relegado para um plano mais que secundário.

Todavia deve ser apreendida uma diferente noção de Centro. Já não uma centralidade jurídico-administrativa, mas antes um pólo social, cultural e desportivo que possa atrair gentes e ideias, revertendo o processo de periferalização, e mormente a conotação negativa que o espaço ainda detêm no colectivo social dos habitantes da cidade da Guarda. As opções estratégicas que foram tomadas têm como base o Património e o Associativismo, através da criação de estruturas básicas para a sua fruição e desenvolvimento. Não basta, no entanto, criar somente infra-estruturas. A estas será *a posteriori* necessário a ligação da sociedade civil, a qual é o elemento fundamental para a reconversão deste espaço.

Por último, espera-se que este novo olhar sobre a Torre Velha e o Largo do Torreão não pretenda omitir, *branquear* ou apenas valorizar determinados períodos

⁴⁸ O Projecto *Requalificação e Musealização do Primitivo Castelo Medieval da Guarda*, implementado em 2010, previa a requalificação do espaço amuralhado e a criação de um núcleo museológico (Centro de Interpretação das Fortificações de Fronteira). CAMEIJO, Alcina - *Relatório Final de Trabalhos...*

⁴⁹ Ponto 3 da Resolução de Conselho de Ministros nº. 26/2000 – DRE I SÉRIE-B Nº 112 — 15 de Maio de 2000.

históricos. O estudo do passado humano deve ser realizado desde as suas origens até à própria actualidade, sem excepções temporais, tendo como base a relação do ser humano com a materialidade.